

# **EDUCAÇÃO INFANTIL CRIANÇAS DE 3 A 4 ANOS: PERÍODO DE ADAPTAÇÃO AO AMBIENTE ESCOLAR**

**Beatriz Kremer**

Graduanda em Pedagogia  
Faculdade de Apucarana  
Beatrizkremer2012@hotmail.com

**Paula Tamiris Moya**

Doutora em Educação  
Faculdade de Apucarana  
ptmoya17@hotmail.com

## **Resumo**

Esta pesquisa aborda o processo de adaptação de crianças na educação infantil com 3 a 4 anos de idade. Tendo como objetivo analisar este período e sua influência no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil na pré-escola. Sendo assim, esse estudo contempla uma pesquisa bibliográfica sobre o desenvolvimento psíquico das crianças de 3 a 4 anos na educação infantil, apresentando possíveis encaminhamentos a serem seguidos para promover esse processo de adaptação da criança no espaço escolar. Além do estudo bibliográfico sobre a temática apresentada, esta pesquisa também contempla uma proposta de intervenção pedagógica, na qual se expõe possíveis encaminhamentos para professores envolvidos neste processo.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Infantil; Adaptação Escolar; Educação Infantil.

## **EARLY CHILDHOOD EDUCATION CHILDREN FROM 3 TO 4 YEARS: PERIOD OF ADAPTATION TO THE SCHOOL ENVIRONMENT**

## **Abstract**

This research addresses the adaptation process of children in early childhood education aged 3 to 4 years old. Aiming to analyze this period and its influence on the learning process and child development in preschool. Thus, this study includes a bibliographical research on the psychic development of children aged 3 to 4 years in early childhood education, presenting possible directions to be followed to promote this process of adaptation of the child in the school environment. In addition to the bibliographical study on the theme presented, this research also includes a proposal for a pedagogical intervention, which exposes possible referrals for teachers involved in this process.

**Keywords:** Child Development; School Adaptation; Child education.

## **Introdução**

O presente artigo apresenta o processo de adaptação na educação infantil com crianças de 3 e 4 anos e as influências para o escolar desta etapa de ensino. A escolha desse tema surgiu a partir das vivências no decorrer dos anos trabalhando na educação infantil e pela necessidade que vivenciei durante um período no qual havia dificuldade em prosseguir no processo de adaptação dos pequenos.

Assim sendo, esta pesquisa apresenta um estudo sobre o desenvolvimento psíquico de crianças de 3 e 4 anos, em especial, os conceitos sobre a periodização de Elkonin (1986) contemplando as épocas, os períodos, as crises e as atividades dominantes que as crianças estão sujeitas a passarem durante o seu desenvolvimento psíquico. O intuito é compreender de uma forma psicológica esse aluno e o processo de adaptação em sua vida, reconhecendo a criança como um ser em constante desenvolvimento.

Decorrente desta compreensão o foco principal deste trabalho é a fase de adaptação ao ambiente escolar, por ser um processo delicado e que precisa de atenção e parcerias de pais e professores na iniciação desses alunos nessa nova fase, reconhecendo o sentimento dos envolvidos, para assim haver contribuições e a organização escolar.

Abordamos no decorrer do artigo alguns encaminhamentos que podem ajudar os professores no momento da adaptação, e garantir que a criança aceite esse processo de uma maneira mais tranquila e prazerosa, o qual reflete também alguns métodos que os pais podem estar realizando com os filhos.

Este trabalho orienta os pais e professores da educação infantil. É como um auxílio para os educadores que passam pela fase de adaptar as crianças ao contexto escolar, no qual sabemos que não é nada fácil, e sim desafiador e cansativo para ambos, inclusive para as crianças. E assim ter um olhar mais cauteloso nesse processo.

## **O desenvolvimento psíquico de crianças entre 3 e 4 anos: implicações para o processo adaptação escolar**

O desenvolvimento psíquico da criança está relacionado às experiências que ela vivencia no contexto histórico-social da sociedade em que estão inseridas, desta forma esse momento percorre caminhos diversos nas mais variadas sociedades passando tanto por épocas ou períodos. A idade cronológica não determina o período do

desenvolvimento psíquico que a criança está, a idade é um parâmetro relativo e historicamente condicionado como afirma Pasqualini e Eidt (2016).

Segundo Pasqualini e Eidt (2016), Vigotsky (1996) apresenta o desenvolvimento infantil como um processo de mudanças qualitativas e de estado, determinada pela relação que a criança estabelece no contexto histórico-social no qual ela está inserida.

No desenvolvimento infantil nos é apresentado processos que vão sofrendo mudanças graças as intervenções educativas, possibilitando a formação de novas necessidades e motivos, condição para um novo período ou até mesmo época como é reconhecido pelos estudos de Pasqualini e Eidt, (2016).

A periodização do desenvolvimento psíquico compreende etapas a fim de organizar a infância, garantindo conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil. Essa periodização é constituída por épocas, períodos e a atividade dominante. Em cada época e período encontramos uma atividade que é considerada dominante, principal ou guia.

A apropriação do mundo real e conceitual envolve a realização de atividades externas e internas, com ações motoras mais simples até as ações mentais mais complexas. Como ressalta Leontiev (1983) a atividade interna se forma a partir da externa.

Leontiev (2004) apresenta que a condição primária para a formação de uma atividade é que ela responda a uma necessidade do homem. A formação da atividade pressupõe que a necessidade e o objeto estejam em concordância. A necessidade só pode ser satisfeita a partir do momento em que ela encontra um objeto, ou seja: “O objeto e a necessidade separados não impulsionam a formação da atividade, para tal, é essencial que haja um motivo” (MOYA, 2015 p.67). A necessidade, o objeto e o motivo são elementos estruturais que compõem a atividade, portanto:

Compreender os elementos estruturantes da atividade e suas relações é um passo fundamental para a análise do processo de formação de novas atividades. Leontiev (2006, p. 63) assevera que esse é um “[...] ponto excepcionalmente importante”, pois a ação pode se transformar em atividade quando o motivo da atividade se torna objeto da ação, ou seja, há uma coincidência entre objeto da ação e o motivo da atividade. Da mesma forma, pode acontecer o inverso: uma atividade pode se transformar em ação quando submetida ao novo motivo da nova atividade (MOYA, 2015, p 69).

Um exemplo para compreender esse processo seria o de Leontiev (2006) sobre o brincar. A criança para brincar precisa realizar suas tarefas escolares, ou seja, o motivo

para realizar suas tarefas está na brincadeira. Moya (2015), complementa sobre o pensamento de Leontiev (2004), afirmando que a importância de cumprir as tarefas é um “motivo apenas compreensível”, enquanto o ato de brincar é o “motivo realmente eficaz” (MOYA, 2015, p. 69).

Leontiev (2006, p. 69, apud MOYA, 2015, p.70) afirma que “[...] só ‘motivos compreensíveis’ tornam-se motivos eficazes em certas condições, e é assim que os novos motivos surgem e, por conseguinte, novos tipos de atividade”. A categoria de atividade deve ser compreendida como uma unidade de análise do desenvolvimento humano.

Outros elementos que contribuem para o entendimento sobre o desenvolvimento humano são a ação e operação como ressalta Leontiev (2006, p. 63, apud MOYA, 2015, p.69) a

[...] ação pode se transformar em atividade quando o motivo da atividade se torna objeto da ação, ou seja, há uma coincidência entre objeto da ação e o motivo da atividade. Da mesma forma, pode acontecer o inverso: uma atividade pode se transformar em ação quando submetida ao novo motivo da nova atividade.

Complementando esse pensamento sobre os elementos do desenvolvimento humano “[...] essa mesma relação está presente nas ações e nas operações, ou seja, a ação pode se tornar uma operação quando ela se transforma no meio para a realização de outra ação” (MOYA, 2015, p. 69).

Como destaca Bernardes e Moura (2009): “A diferenciação feita quanto à dominância da atividade se estabelece a partir do conteúdo da própria atividade”. A atividade dominante também pode ser denominada de atividade principal ou atividade-guia.

Bernardes e Moura (2009), salienta que a atividade dominante não se caracteriza pela quantidade de ações relacionadas à idade das crianças, mas sim às relações em que as ações influenciam o desenvolvimento dos processos psíquicos e psicológicos, na qual a criança amplia suas relações com o mundo e a essência do conteúdo das ações se altera. Já Pasqualini e Eidt (2016), ressaltam que a atividade dominante é responsável pela formação e reorganização dos processos psíquicos centrais de um dado período do desenvolvimento. A partir da atividade dominante surgem em cada período novas possibilidades de atividade para as crianças se desenvolverem, dessa forma ocorrem

mudanças de atividade dominante ou atividade-guia que marca a transição a um novo período do desenvolvimento.

No decorrer da infância acontece mudanças que vão refletir sobre a atividade guia como explica Pasqualini e Eidt (2016), é a transição a um novo período, que gera um salto qualitativo na consciência da criança, refletindo em mudança qualitativa na sua relação com a realidade.

A transição é o momento em que a criança passa de um período para o outro, momento que é de conflito e reflete na atividade dominante que passa por mudanças marcando um novo período do desenvolvimento. Como ressalta Pasqualini e Eidt (2016) é um momento em que o velho ainda não deixou de existir e o novo ainda não nasceu, a criança sente que pode ir além mas teme entrar em um universo desconhecido.

Dessa forma, a transição de um período ao outro do desenvolvimento envolve diversos conceitos entre eles: a situação social de desenvolvimento, atividade dominante, neoformação e crise. Para Pasqualini e Eidt (2016), a crise é um momento de revolução que ocorre mudanças bruscas em um curto período de tempo.

Para a Escola de Vigotski, toda transição a um novo período do desenvolvimento tem como característica a ocorrência de mudanças bruscas na personalidade e na conduta da criança em um curto período de tempo, configurando um período de trânsito ou período crise. Quando se trata da transição a uma nova época, o caráter crítico parece se acentuar. Isso ocorre porque, após um período de intenso desenvolvimento intelectual e operacional, os motivos da atividade da criança já não mais encontram correspondência com suas capacidades, como se fossem “insuficientes” para dirigir e dar sentido às ações. (PASQUALINI; EIDT, 2016, p.127).

Nesse sentido a transição é um momento de mudanças do lugar social que a criança ocupa no mundo, ou seja, ocorre uma mudança abrupta da atividade guia que a criança estava acostumada. Nesse momento ela deseja ir para ao próximo período mais ao mesmo tempo fica insegura em relação ao que virá a encontrar.

Como salienta Pasqualini e Eidt (2016), Vygostki apresenta a crise dos três anos. Para Vygostski (1996) a crise dos três anos se caracteriza por um conjunto de sintomas que são apresentados pela autora Pasqualini (2009) dentre eles são: o negativismo, a teimosia, rebeldia e a insubordinação. No negativismo a criança se opõe ao que os adultos pedem. A teimosia relata que a criança insisti em ser atendida em suas exigências nesse caso se destaca-se a insistência. Já a rebeldia a criança tem atitudes de protesto ao que lhe é imposto. E a insubordinação é o último sintoma aonde a criança quer fazer tudo sozinha.

Existem ainda os sintomas secundários de acordo com Pasqualini (2009) que são: protesto violento, despotismo e ciúmes. Para Vigotski (1996, p. 373 apud PASQUALINI, 2009, p. 37), esses sintomas “giram em torno do ‘eu’ e das pessoas que o rodeiam”.

As épocas da periodização do desenvolvimento psíquico são: Primeira Infância, Infância e Adolescência. No presente estudo destacamos a Primeira Infância e a Infância.

Figura 1 – Periodização histórico-dialética do desenvolvimento psíquico humano



Fonte: Pasqualini e Eidt (2016, p.107)

De acordo com a periodização do desenvolvimento psíquico elaborado por Elkonin (1986), Angelo Antonio Abrantes elaborou o diagrama sobre a periodização do desenvolvimento psíquico como apresenta Pasqualini e Eidt (2016), qual afirma que a época a primeira infância é o ponto de partida do desenvolvimento, que se inicia com o nascimento e corresponde a transição da vida intrauterina para a vida extrauterina. Nesta época encontramos o período do ‘primeiro ano’ que corresponde a crianças do nascimento até o primeiro ano de vida as quais necessitam dos cuidados dos adultos e também dos estímulos dos seus cuidadores, correspondendo como atividade dominante a comunicação emocional direta.

Isso significa que é no interior da atividade de comunicação emocional direta com o adulto que nascem e tomam forma as ações sensório-motoras, de orientação e manipulação, ou seja, as ações com objetos começam a formar-se justamente a partir da comunicação com o adulto (MOYA, 2015, p.114).

O período da primeira infância vai aproximadamente dos dois aos três anos de idade e tem preponderância o desenvolvimento da esfera das possibilidades operacionais técnicas da criança como aponta Pasqualini e Eidt (2016).

Todo o complexo processo de desenvolvimento do psiquismo que se produz na “[...] primeira infância é guiado pela atividade objetal manipulatória, a atividade dominante na primeira infância” (PASQUALINI; EIDT, 2016, p.120). No período da primeira infância é onde a criança se apropria da função social de objetos e de seus significados.

Considerando esses estudos, é importante destacar que “A transição entre primeira infância e idade pré-escolar é uma transição entre épocas do desenvolvimento que se dá por volta dos três anos de idade” (PASQUALINI; EIDT, 2016, p.127). Neste momento surge uma crise, relacionado a essa mudança na personalidade e na conduta da criança. Vygotski (1996), apresenta que nessa mudança no desenvolvimento as crianças podem se tornar “particularmente difíceis de educar”.

Na época da infância no seu período da idade pré-escolar segundo Pasqualini e Eidt (2016) a relação da criança com o mundo das pessoas volta a ter proeminência, tendo como atividade guia o jogo de papéis ou jogo protagonizado.

Portanto, com base nesses pressupostos sobre o desenvolvimento psíquico é possível compreender como se dá o desenvolvimento das funções psíquicas superiores da criança com 3 a 4 anos, o que garante ao professor pensar o processo de adaptação escolar, como discutimos a seguir.

### **O processo de adaptação: contribuições para a organização do espaço escolar**

A adaptação escolar se inicia quando a família pensa em inserir a criança no ambiente escolar. Assim sendo, a fase de adaptação na educação infantil refere-se ao ingresso das crianças no ambiente escolar pela primeira vez, ou seja, o primeiro contato com o mundo e pessoas que não conhecem. De acordo com Pantalena (2010) o período de ingresso da criança e da família na instituição de ensino é considerado uma situação estranha. Já para Vitória e Rossetti-Ferreira (1993), esse período exige muito emocionalmente da criança, dessa forma a adaptação diz a respeito à funcionalidade do

indivíduo a sua capacidade de ajustamento aos diferentes desafios e circunstâncias da vida, enfim para sua sobrevivência.

[..] acredita-se que o período de adaptação aos primeiros dias de ingresso em creche ou pré-escola é extremamente importante, fundamental e necessário para o ajustamento do indivíduo as novas demandas proporcionadas por mudança de espaço, pessoas, rotina e objetos (OLIVEIRA, 2011, p.11 e 12).

Assim sendo entra em ação o “período de adaptação” para atender uma necessidade real da criança diante do novo. Como prevê as leis, todas as crianças devem ter direito a educação, por isso devem ingressar na escola na idade adequada. Está nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), que crianças que irão completar quatro ou cinco anos de idade até o dia 31 de março do ano da matrícula, devem ser matriculadas na educação infantil em escolas independentes de serem privadas ou públicas.

Além dessa faixa etária, as crianças de 0 a 3 anos devem frequentar as instituições de educação infantil, especialmente, as creches. Com isso entra em questão o momento de adaptação para as crianças que ainda não frequentaram o ambiente escolar, o qual é “[...] um processo bastante doloroso para criança, de ansiedade para os pais e desafiante para os professores” (ANDRADE, 2016, p.13).

Com três anos para completar quatro anos de idade, as crianças ainda não possuem total autonomia, são inseguras e dependentes de seus pais ou cuidadores, ir para escola é um momento delicado, muitas destas crianças estão acostumadas somente com o ambiente familiar e a presença dos pais, como salienta Brito (2011), eles choram, batem os pés que querem voltar para a casa, por estarem em um lugar que não conhece e distante dos responsáveis. Já Oliveira (2018) vem complementar o pensamento de Rapoport (2005), no qual ressalta sobre a mudança no comportamento das crianças diante do período de adaptação, e muitas até mesmo regredirem: “[..] crianças de três anos voltam a se comportarem como bebês, evacuam e urinam nas roupas” (OLIVEIRA, 2018 p. 67). Isso pode ser levado em consideração ao refletir sobre o processo de transição que essas crianças nessa faixa etária dos 3 aos 4 anos estão como já visto no primeiro capítulo.

[...] a entrada da criança pequena na escola de educação infantil deve merecer atenção especial por parte da equipe escolar. A ida da criança pequena para a escola é um momento de estresse e ansiedade: a separação dos pais, a convivência com pessoas desconhecidas, estar em um lugar diferente de sua



casa, dividir o espaço com um número maior de pessoas e o que é possivelmente o maior motivo do estresse: a mudança da rotina, dos hábitos e dos tempos das crianças (MELLO; GAMBÁ, 2016 p. 622).

As crianças podem ter reações diferenciadas no processo de adaptação nas quais também vale ressaltar que podem se sentirem abandonadas, com medo, acabam ficando estressadas e demonstrando esses sentimentos de diversas maneiras, por meio de choro, birra, manhas, não brincar, não comer, não falar, chupar o dedo, e dependendo, alguns casos até de forma agressiva, podendo também aparecer febre, vômito, diarreia e alergia como vem nos apresentar Teodoro (2013). Conhecer pessoas diferentes e se socializar são passos difíceis para os educandos desta faixa etária. Levando em consideração os sentimentos das crianças em como demonstrar seus sentimentos podemos analisar que todos os autores citados abordam sobre o choro, uma vez que essa situação é a que deixa os pais bastante incomodados, muitos responsáveis veem o choro nesse momento como uma forma de que tem algo de errado e se esquecem que muitas crianças só conseguem expressar seus sentimentos dessa forma.

O choro da criança, durante o processo de inserção, parece ser o fator que mais provoca ansiedade tanto nos pais quanto nos professores. Mas parece haver, também, uma crença de que o choro é inevitável e que a criança acabará se acostumando, vencida pelo esgotamento físico e emocional, parando de chorar que, se derem muita atenção e as pegarem no colo, as crianças se tornarão manhosas, deixando-as chorar. Essa experiência deve ser evitada. Deve ser dada uma atenção especial às crianças, nesses momentos de choro, pegando no colo ou sugerindo-lhes atividades interessantes (RCNEI, 1998, p. 82).

Mello e Gamba (2016, p.615) afirmam que [...] precisamos considerar que o tempo, na educação infantil, é o tempo da criança não é o tempo dos adultos, como costuma-se pensar. Dessa forma o processo de adaptação das crianças no ambiente escolar varia muito, não se resume aos primeiros dias, mas pode durar meses como explica Rapoport e Piccinini (2001). O momento de adaptação não é somente quando a criança vai para a escola, a autora Pantalena (2010), explica da seguinte forma;

Há dois momentos na adaptação da criança a instituição: 1 quando pais pleiteiam a vaga efetuam a matrícula, conhecem o espaço físico preenchem questionários (sobre a saúde o que fazer em caso de emergência, hábitos e gostos da criança e/ou da família), participam de um encontro para conhecer a professora e recebem informações sobre o funcionamento da instituição e orientação diversas e 2 quando a criança vem para a instituição – momento chamado de período de adaptação (PANTALENA, 2010, p. 15).

Segundo autores como Teodoro (2013) e Moreira e Silvério Júnior (2017), o vínculo e parceria que esses três meios; “família, criança e professores” devem ter é essencial para que a fase de adaptação ocorra de forma mais tranquila para todos os que nela estão envolvidos. Portanto, Mello e Gamba (2016, p. 623) destacam a importância de que “[...] investir nesse momento da chegada da criança é fundamental para crianças, famílias e professores”.

O ingresso das crianças nas instituições pode criar ansiedade tanto para elas e para seus pais como para os professores. As reações podem variar muito, tanto em relação às manifestações emocionais quanto ao tempo necessário para se efetivar o processo (RCNEI, 1998, p. 79 e 80).

Portanto para os pais fica a dúvida se os filhos vão ficar bem, além de ficarem preocupados em relação à alimentação, a professora, ao comportamento do seu menor diante de outras crianças, conforme Teodoro (2013), se sentem culpados por terem que deixar os filhos na escola para poderem trabalhar. Como expressa Oliveira (2018 p.63) [...] as famílias temem que as crianças não se adaptem e sofram, ao serem forçadas a seguir a rotina e costumes das instituições, os quais podem ser antagônicos aos de casa.

Conforme os estudos de Pantalena (2010), o processo de adaptação não é somente da criança, mas também da família. Vale ressaltar que muitas crianças são ligadas a figura materna essa por sua vez faz com que o processo de entrada da criança na escola seja dificultado, diante dos estudos de Novaes (1965), podemos entender sobre como é essa ligação entre mães e filhos e a carência refletida na figura materna qual a autora reflete com a observação realizada, que os alunos que são carentes de afeto materno apresentam ambivalência nas atitudes em relação a professora e os demais colegas, uma parte tem necessidades de ter contato afetivo , e por outro lado possuem muito medo de serem frustrados, esses então procuram carinho e afeto só que também agridem e tratam mal, essa situação está diretamente ligada a adaptação dos pequenos ao ambiente escolar, por isso ao acolher as crianças ao ambiente escolar deve haver o ato de cuidar e ir além disso como proteger , colocar-se em escuta as necessidades aos desejos e inquietações, apoiar a criança em seus devaneios e desafios, interpretar suas relações no grupo e a lógica das crianças. Sendo assim “Acolher uma criança é muito mais que adaptá-la ao novo ambiente. E vai muito além dos primeiros contatos com a escola ou nova turma ou nova professora”. (MELLO; GAMBÁ, 2016, p. 623)

Porém existem crianças que vivenciam esse momento de forma tranquila e prazerosa, pois como salienta Andrade (2016, p.14) “essas crianças podem ter sido preparadas pela família para esse momento, ou tem irmão que já frequenta a escola e por isso aguardavam com ansiedade viver essa experiência”.

Os professores desta etapa de ensino também sofrem na adaptação de novos alunos, como ressalta Moreira e Silveira Junior (2017), eles têm o papel de conquistar os pequenos para assim melhorarem o rendimento escolar e conseguirem levar a diante o ano letivo. “O professor é o grande responsável por estimular e manter esse vínculo afetivo; é a figura do professor que fornece segurança ao aluno no ambiente escolar” (MOREIRA; SILVEIRA JUNIOR, 2017, p. 202).

De acordo com o RCNEI (1998), este período exige muita habilidade, por isso, o professor necessita de apoio e acompanhamento, do diretor e membros da equipe técnica uma vez que ele também está sofrendo um processo de adaptação.

O educador deve refletir profundamente nos efeitos desta situação na vida da criança. Esta não compreende a angústia por meio do raciocínio, mas sente-a no espírito e, com isso, deprime-se e deforma-se. As reações infantis- timidez, mentira, caprichos, choro sem motivo aparente, insônia, temores excessivos – representam um estado inconsciente de defesa da própria criança, cuja a inteligência não consegue identificar a causa efetiva em suas relações com o adulto (MONTESSORI, 1996, p. 167).

O docente para atuar com as crianças em fase de adaptação deve estar preparado para o desdobramento desse processo, estar consciente que as crianças não entendem o motivo de estarem no ambiente escolar, entender que é uma fase e que as angústias desse momento logo vão passar, e independente demonstrar acolhimento para com os pequenos. Atualmente a grande maioria dos professores não possuem preparação para esse momento e sentem-se despreparados para essa circunstância que é de extrema importância para a o futuro desses estudantes como destaca Silva (2017), o acolhimento das crianças ao ambiente escolar deve ocorrer de forma que não traga traumas a este aluno, é nessa fase que as crianças gravam seus pensamentos de entrada ao meio educacional, o que acaba sendo de grande valia para o desenvolvimento escolar das crianças. Portanto, a maneira como acolhemos as famílias é, “fundamental para que as crianças tenham confiança no lugar, nas pessoas e principalmente no projeto pedagógico da escola” (MELLO; GAMBA, 2016, p. 625).

De acordo com Andrade (2016) a maneira como a criança será acolhida no momento em que é inserida na instituição, faz toda a diferença durante o processo de adaptação escolar.

O acolhimento nada mais é que fazer a criança se sentir bem, segura, cuidada, querida e protegida, diante de toda e qualquer situação dentro do ambiente escolar em que se encontra e, principalmente, ser acolhida quando chega à escola pela primeira vez e começa seu processo de adaptação. (ANDRADE, 2016, p.20).

Como vem expor Moreira e Silveira Junior (2017), essa fase é de extrema importância a participação afetiva da família com a formação desse indivíduo, ao entender que quanto maior a ligação afetiva entre pais e professores com o educando o seu desenvolvimento será maior tanto emocional, como social e cultural.

O ato de educar é papel tanto da família como da escola, dessa forma ambas as partes devem estar de acordo com a forma de proceder com a criança. A partir do momento que a escola assume a função de educar e ensinar as crianças, a mesma deve manter o vínculo com seus respectivos responsáveis. O principal contato entre os responsáveis e a escola é através da professora, essa por sua vez deve estar ciente da importância de possuir uma boa relação com os responsáveis. (SILVA; MENDONÇA; LIRA, 2016, p. 4-5).

Portanto, a criança no momento da adaptação passa por uma transição entre o ambiente familiar para o escolar, como ressalta Oliveira (2011, p.11):

Este período de transição do ambiente familiar, que caracteriza-se por ser intimista, exclusivo e acolhedor, para um ambiente novo, coletivo, disciplinar e social, que é o ambiente institucionalizado, gera um desequilíbrio cognitivo e emocional, propício ao desenvolvimento individual, com a elaboração de estruturas necessárias a resolução das novas demandas do meio. Na educação infantil este processo pode ser atraente para a criança se amparada por um adulto de referência, no entanto, altamente aterrorizante se a criança sentir-se sozinha e desamparada, já que os sentimentos de confiança, autonomia e iniciativa estão em formação, e a criança em intensa relação de dependência com o adulto (OLIVEIRA, 2011, p.11).

São momentos que devem haver empatia principalmente dos pais e professores com os alunos como explica Mello e Gamba (2016), o referido autor considera que nesse momento de entrada ao ambiente escolar está se formando uma inteligência e uma personalidade, sem esquecer que os pequenos precisam de tempo e dos cuidados dos

adultos que o rodeiam, pois são com quem os pequenos se relacionam e aprendem e se desenvolvem através da comunicação emocional (MELLO; GAMBA, 2016).

Como salienta Andrade (2016) ao analisar o processo de adaptação, apresenta-se variantes, recorrentes de cada criança que envolve as reações e particularidades das mesmas. De acordo com esta afirmativa podemos entender que cada criança terá o seu tempo em particular para o processo de adaptação, que todas são diferentes, que algumas irão tranquilamente para a escola, que outras farão birras, manhas e resistirão ao ambiente escolar, já outras poderão se adaptar na primeira semana, e outras demorar até meses. O processo de entrada da criança no ambiente escolar deve ocorrer de forma pacífica para não esgotar nenhuma das partes envolvidas. Como apresenta Vitória e Rossetti- Ferreira (1993) as reações das crianças durante a adaptação podem variar de aluno para aluno e dependem também da idade de como é o relacionamento das crianças com seus pais e como a escola organiza a recepção para esses alunos.

Feito esses apontamentos sobre o processo de adaptação apresentamos a seguir metodologias referentes a esse momento na educação infantil, apresentando possíveis formas de facilitar o processo de adaptação levando em consideração os pais, os alunos e os professores.

### **Encaminhamentos para o processo de adaptação**

O processo de adaptação envolve múltiplos fatores relacionados as vivências de cada criança. Esse momento pressupõe a relação entre professor e família, exigindo a colaboração de todos os sujeitos buscando promover o bem estar da criança. Como salienta Rapoport e Picinini (2001, p. 86)

[...] é importante que no período de adaptação a mãe/pai ou outro familiar fiquem junto à criança para auxiliar na exploração deste ambiente estranho e no estabelecimento de novos relacionamentos com as educadoras e outras crianças.

Nessa direção Andrade (2016) destaca que um bom começo para adaptação das crianças no ambiente escolar é conhecer a instituição na companhia de familiares, de uma forma a gerar assim o primeiro contato, passando para as crianças que ali é um bom lugar.

Nesse momento devem ser apresentados para as crianças o ambiente, os educadores e a instituição como um todo.

Conforme Oliveira (2018) as famílias precisam ser estimuladas a permanecerem com as crianças no decorrer dos primeiros dias no ambiente escolar, e os profissionais devem organizar atividades para as famílias desempenharem junto “[...] como uma excursão à creche, a apresentação de todos os espaços, e dos funcionários” (OLIVEIRA, 2018, p. 231)

As atividades do período de adaptação incluem o conhecimento do espaço da instituição (o banheiro, o refeitório, o parque e etc. conhecimento de atividades rotineiras, como ouvir histórias, cantar, brincar no parque, desenhar: conhecimento de procedimentos, como pendurar a mochila no cabide, realizar as refeições nos horários e maneiras estabelecidas; conhecimento das regras e do pessoal (professoras e outros funcionários).

Com base nos estudos de Pantalena (2010), podemos analisar que o processo de adaptação não tem um período certo para acabar, dessa forma devemos levar em consideração o que a mencionada autora aborda no que se refere as crianças que estão sendo inseridas no ambiente escolar. Determinadas sugestões são sair na primeira semana algumas horas antes e esse horário deve ir aumentando gradativamente. Como pontua Pantalena (2010, p. 15):

Geralmente o tempo é determinado em número de dias entre uma e três semanas, e de horas para que a criança acostume-se aos poucos a ficar mais tempo fora de casa e longe do convívio familiar. Esse período pode aumentar gradativamente, uma hora a mais a cada dia ou em uma semana a permanência será de duas horas e na semana seguinte integral.

Em relação a permanência da criança na escola no processo de adaptação o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI, 1998), aborda que deixar os pequenos com seus objetos de transição tal como a chupeta o cheirinho, entre outros objetos que são familiares para as crianças, pode ajudar nesse processo.

Para gerar um bom desenvolvimento desta fase de processo adaptativo pode haver distribuições de papéis como sugere Teodoro (2013, p. 82):

A) Os pais:

- Devem conhecer a instituição antes de fecharem contrato;
- Devem ser apresentados a educadora que cuidará da criança;
- Devem ter a oportunidade de ver a educadora desenvolvendo atividades;
- Não devem sair da instituição escondidos da criança;

- Devem despedir-se da criança, dizer quando voltam e cumprir o combinado;
- Não devem fazer longas despedidas que provoquem ansiedade e insegurança.

Os pais são a primeira grande influência da criança, portanto devem transmitir aos pequenos muita tranquilidade no momento da adaptação, os mesmos sabem que ali é o início da vida escolar da criança. Por um lado, sabem que é bom, pois terá a educação que tantos prezam pelos filhos terem como a aprendizagem, mas por outro ficam ansiosos e até sentem ciúmes dos filhos. É um momento novo e desafiante para os pais ou responsáveis que gera várias sensações. Agora, para as crianças é um momento de grandes descobertas ir para o ambiente escolar. Nesta perspectiva Teodoro (2013) apresenta como papel das crianças as seguintes atitudes:

#### B) A Criança:

- Devem participar dos preparativos (comprar lancheira, materiais, uniformes, etc);
- Deve participar da “construção” de seu novo ambiente (ex: ajudar a definir o local onde ficarão guardados os brinquedos); (TEODORO, 2013, p.83)

Realizando estes passos a criança sente envolvida e começa a participar com um olhar de novidade e entusiasmo deixando um pouco o sentimento de medo de lado, passando a interagir. O educador (a) é fundamental para esse processo devendo agir com muito carinho e profissionalismo tanto com as crianças como com os responsáveis, sendo o grande influenciador e figura de confiança dos responsáveis e das crianças nesse período de adaptação. Teodoro (2013) em seu estudo elenca alguns passos que o educador (a) pode seguir e levar em consideração no desenvolvimento da adaptação da criança;

#### C) A Educadora:

- Não deve tirar a criança à força do colo da mãe; A mãe deve pôr a criança no chão ou entregá-la a educadora. O ideal é que aos poucos a criança seja conquistada e que fique na instituição por vontade própria;
- Deve estar atenta para perceber a diferença entre as manifestações da criança, principalmente entre o choro “manha” e o choro “desespero”;
- Deve manter-se sempre informada sobre o processo de desenvolvimento infantil nas 3 áreas de maior relevância para o processo educacional: motora, cognitiva e afetiva;
- Não deve apresentar todos os brinquedos de uma vez para a criança. Eles devem ser entregues aos poucos, para que a criança sinta que ela está ajudando a construir seu novo espaço. (TEODORO, 2013, p. 83):

Segundo Teodoro (2013), o professor ou educador é o principal meio de comunicação entre o pai e o filho, enquanto a criança está no ambiente escolar, para o

educador não é nada fácil receber crianças e conquistá-las, por tanto deve compreender que para ele também é um momento difícil como também é para os pais e alunos que passam pelo momento de adaptação. O professor para desenvolver seu trabalho precisa da parceria com a instituição de ensino dessa forma Teodoro (2013) também apresenta o papel da instituição nesse procedimento;

D) A Instituição:

- Deve manter a equipe bem informada quanto ao aspecto afetivo envolvido no processo adaptativo;
- Deve estabelecer uma relação aberta e de confiança com os pais. (TEDORO, 2013, p. 82-83.)

O processo de adaptação não é algo que se resume somente as crianças, todos envolvidos estão passando por momentos de angústia. Por isso, a empatia envolvendo a atenção pelo sentimento do outro é essencial para não haver cobrança somente de uma das partes envolvidas no processo de adaptação.

Um sinal marcante na fase de adaptação escolar entre os pequenos é o choro, com isso os professores buscam de uma forma ou outra acalmar as crianças, segurando no colo, mostrando materiais diferentes a fim de distraí-los, desviar a atenção dos pais, e conquistá-las. Além de planejarem o tempo e atividades para essas crianças.

Atualmente já existem alguns métodos que podem facilitar e ajudar os docentes nesse momento difícil, como realizar a anamnese, o método do cheira a florzinha e apaga a velinha, o jogo com bola de forma orientada, a criação de rotinas, o leva e traz, o livro da “Bibi vai à escola” e o spray anti-medo.

Quadro 01- Possíveis recursos para serem utilizados na fase de adaptação.

<b>Recursos e jogos que contribuem para a adaptação infantil no período escolar.</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Encaminhamento (como vai ser realizado)</b>
Anamnese	Conhecer a criança	Entrevista com os pais ou responsáveis, na qual respondem perguntas sobre a criança.
Cheira a Florzinha e apaga a velinha	Acalmar	É um recurso criado no qual de um lado contém uma florzinha com cheiro agradável, e do lado oposto uma velinha. Primeiro a criança irá cheira a florzinha e virar para apagar a velinha.



Jogo da bola vai e vem.	Tranquilizar os alunos explicando de forma lúdica como irá ocorrer o processo em relação aos pais estarem indo embora.	A professora sentará com os alunos em roda e utiliza uma bola. Pode contar uma história para a criança e após joga a bola pra criança e pede para devolve-la, e explica que como a bola veio para o aluno e ele o a devolveu ocorreria dessa forma, os pais foram mas logo voltam.
Criar rotina com a criança	Desenvolver noção de tempo até a volta dos pais.	Realizar em um cartaz ou até mesmo com os dedos das mãos 5 momentos que irão realizar até o momento dos pais ou responsáveis ir busca-la Ex: Em um dedo o horário de pegar a agenda, no outro a hora da fruta, em seguida a atividade, depois o horário da janta e por último guardar o material, e daí a saída. E quando a criança perguntar pelos responsáveis contar na mãozinha dela quais momentos já se passaram.
Leva e traz de volta	Estimular a criança a voltar para a escola.	Pode ser feito pela professora, na sala ter uma galinha com os pintinhos, e explicava para as crianças que elas levariam o pintinho para casa e cuidariam e deveriam trazer no outro dia para a galinha na sala.
Livro “Bibi vai para a escola”	Refletir sobre a história estimulando a criança como é a escola.	Apresentar a história para as crianças e conforme for apresentado na história mostrar que na escola é igual na da Bibi, e que irão se divertir igual a ela.
Spray “anti-medo”	Conhecer o medo das crianças, e ajudar a perder esse sentimento.	Realizar uma conversa com os alunos para identificar os medos, e quando eles forem falando vai adicionando sementes dentro de uma garrafa como se estivesse colocando os medos ali dentro, depois tampa com um borrifador e deixa as crianças espirrarem para ir passando o medo.

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Nenhuma criança é igual à outra, cada uma tem o seu devido tempo, e na fase de iniciação na escola também não é diferente, devem ser respeitados e tratados com paciência, pois é um momento em que envolve múltiplas determinações, como ressalta Oliveira (2011) este momento pode ser atraente para a criança ser amparada por um adulto de referência, ou altamente aterrorizante se a criança sentir-se sozinha e desamparada, já que os sentimentos de confiança, autonomia e iniciativa estão em formação, essa criança está em intensa relação de dependência com o adulto.

## **Considerações finais**

Com o estudo realizado neste trabalho sobre a fase de adaptação foi possível uma maior compreensão sobre o desenvolvimento psíquico das crianças na faixa etária de 3 e 4 anos, entendendo de uma maneira mais ampla e profunda como as crianças nessa faixa etária se desenvolvem, as crises que passam até alcançarem a próxima época como apresenta Elkonin (1986).

Considerando as experiências que vivenciamos em relação a adaptação e com as leituras sobre o tema, o processo de adaptação é importante para a entrada do aluno ao meio escolar, pois é nesse contato que as crianças estabelecem as primeiras relações com a escola, portanto deve ser um momento que necessita de um olhar cauteloso. Sendo um processo que certamente deve existir a parceria dos pais para o sucesso.

Já quanto aos métodos e encaminhamentos apresentados percebemos que esse processo pode ser prazeroso em vez de ser doloroso para esse aluno, adaptar uma criança é uma aprendizagem importante, que levará esse aluno ao decorrer dos anos, uma criança bem adaptada encontra-se mais segurança no ambiente escolar.

É importante estudar o processo de adaptação para poder compreender o que estes alunos sentem nesse momento, além de entender sobre a importância de estabelecer uma relação de parceria entre professores e pais para o desenvolvimento dessa criança.

Por meio desse estudo foi observado que não há muitos estudos relacionados especificamente a fase de adaptação, além da compreensão que não são todos os profissionais da educação que se preocupam com esse processo, e a falta de disponibilidade em procurar por metodologias que ajudem as crianças na fase de adaptação. Se houvesse uma preparação da escola para esse momento haveria uma grande diferença do que encontramos atualmente.

Portanto, precisamos pensar nos aspectos cognitivos e afetivos da criança no movimento de adaptação escolar. É fato que aprender sobre o desenvolvimento da criança faz com que compreendamos a necessidade das relações afetivas em nossas vivências.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Maria Ináuria Ferreira de. **O processo de adaptação e a importância do acolhimento na Educação Infantil**. Natal: Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho; MOURA, Manoel Oriosvaldo de. Mediações simbólicas na atividade pedagógica. Universidade de São Paulo, **Educ. Pesqui.** vol.35 no.3 São Paulo Setembro/Dezembro, 2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022009000300004&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022009000300004&script=sci_arttext&tlng=pt)

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SFF, 1998.

BRITO, Maria do Carmo Amaral. **Adaptação escolar de Educação Infantil à 8º Série**. Piauí: Universidade Fernando Pessoa Porto, 2011.

ELKONIN, D. B. Acerca del problema de la periodización del desarrollo psíquico en la edad infantil. In: ILIASOV, I. I.; LIAUDIS, V. Ya. (Org.). **Antología de la psicología pedagógica y de las edades**. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1986. p. 34-41.

LEONTIEV, A. N. **Actividad, consciencia, personalidad**. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1983.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento infantil. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2006. p. 59-83.

MELLO, Suely Amaral; GAMBA, Lane Mary Faulin. Organização do tempo, rotina e acolhimento na escola de Educação Infantil. In: PASQUALINI, Juliana Campregher; TSUHARO, Yaeko Nakadakari (Orgs.). **Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação de Bauru, 2016.

MONTESORI, Maria. **A criança: A preparação espiritual do professor**. São Paulo: Círculo do livro S.A.

MOREIRA, Beatriz Buzzo; SILVÉIRA JÚNIOR, Renato Cezar. A importância da afetividade na aprendizagem. São Paulo. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro SP, 4 (1): 199-213, 2017.

MOYA, Paula Tamyris. **Princípios para a organização do ensino de matemática no primeiro ano do ensino fundamental**. 2015. (Dissertação em Educação) - Universidade Estadual de Maringá Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte. Maringá.

NOVAES, Maria Helena. **A carência afetiva e sua repercussão na adaptação escolar**. Rio de Janeiro: Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, 1965.

OLIVEIRA, Paula da Rocha Gomes. **O período de adaptação no processo educativo: um levantamento bibliográfico e metodológico**. Campinas, São Paulo. 2011.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, 2011.

OLIVEIRA, Suelen Cristiane Marcos de. **O processo de adaptação das crianças na Educação Infantil: os desafios das famílias e dos educadores da infância**. Presidente Prudente 2018. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2018.

PANTALENA, Eliane Sukerth. **O ingresso na creche e os vínculos iniciais**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

PASQUALINI, Juliana Campregher. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v14n1/a05v14n1.pdf>

PASQUALINI, Juliana Campregher; EIDT, Nadia Mara. Periodização do desenvolvimento infantil e ações educativas. In: PASQUALINI, Juliana Campregher; TSUHARO, Yaeko Nakadakari (Orgs.). **Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação de Bauru, 2016.

PASQUALINI, Juliana Campregher; TSUHARO, Yaeko Nakadakari (Orgs.). **Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação de Bauru, 2016.

RAPOPORT, A. **Adaptação de bebês à creche: a importância da atenção de pais e educadores**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cezar Augusto. O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Rio Grande do Sul, 2001.

SILVA, Jackeline Mayara da; MENDONÇA, Maria do Socorro Soares de; LIRA, Mirtes Ribeiro de. **Processo da Socialização na Educação Infantil - Interlocações entre Escola e Família**. Pernambuco: Universidade de Pernambuco, III CONEDU Congresso Nacional de Educação, 2016.

SILVA, Patrícia Andrade da. O Papel da Escola no Processo de Socialização na Educação Infantil. **Revista Multidisciplinar em Educação e saúde**. Acaraú 2017.

TEODORO, Wagner Luiz Garcia. **O desenvolvimento infantil de 0 a 6 anos e a vida pré-escolar**. Uberlândia, 2013.

VITÓRIA, Telma; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Processos de Adaptação na creche. **Centro Brasileiro de Investigação sobre o Desenvolvimento e Educação Infantil**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Ribeirão Preto- USP. São Paulo, 1993.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas**. Madrid: Visor, 1996. Tomo.